

A ESTRELLA MARANHENSE.

JORNAL INSTRUCTIVO, MORAL, E RECREATIVO.

A ESTRELLA MARANHENSE publica-se uma vez por semana, e recebem-se assignaturas para ella na Typographia do OBSERVADOR, a 500 reis por serie de quatro numeros, pagos depois da entrega do segundo.

ESTRELLA MARANHENSE.

—Dirigido especialmente pelo amor ás letras, offerecemos aos nossos concidadãos a Estrella Maranhense, opusculo semahario, e encetamos a nossa tarefa sob os mais bellos auspícios graças à generosidade dos nossos comprouvianos, pois em menos de quinze dias se nos proporecionão assignaturas quasi sufficientes a satisfazer o dispendio da impressão; oxalá que este facto seja o precursor de uma existencia longa e feliz para nosso pequeno jornal.

E' praxe seguida appresentar-se um prologo todas as vezes que algum novo campeão, seja politico, seja litterario, entra na scena jornalística, e não desejando que se nos classifiquem na regra excepcional, vamos cumprir esse dever, pois temos necessidade de dizer ao publico o que deseja, o que quer e o que pretende e o jornal.

—A Estrella Maranhense que hoje vê a luz da publicidade, é destinada para a publicação de escriptos que versem sobre a religião, a moral, a philosophia, a historia, a poesia, o necessario, o util, o agradável, e finalmente sobre os differentes ramos da litteratura, e para este fim, além dos escriptos de nossa propria lavra, accetaremos de bom grado os escriptos que nos enviarem, versando sobre qualquer ramo da litteratura, com tanto que sejam concebidos em termos decentes.

E' facto incontestavel e geralmente sabido que a imprensa offerece os talentos a uma vasta arena para o seu desenvolvimento, pois de todas as molas que ha sustentado o mundo tanto phisico, como moral, nenhuma foi, e nem será por certo mais poderosa, mais tenaz e mais feliz do que a arte de Guttemberg.

A invenção da imprensa liga-se intimamente o facto do desenvolvimento da civilização e instrucção dos povos.

Entre o livro e o jornal, productos da imprensa, ha uma differença que bastantemente prova a necessidade do jornal, esta differença consiste no seguinte: o livro com toda a sua aristocracia não passa muitas vezes além dos gabinetes e dos salões, ao passo que o jornal com toda a sua democracia e modicidade preço, desce até a choupana do pobre, porquanto é o livro do povo, visto ser necessario a sua fortuna a todos os gostos e interesses bem entendidos.

Talvez que estas considerações não caem no espirito de alguns, e então se nos interroguem para que empreendemos esta publicação em uma cidade, onde tem apparecido milhares de jornais litterarios, que, comquanto alguns dirigidos por habéis penhas e fortemente sustentados, tem morrido!

Respondemos que se estes cedros baquearam, não por isso

a grammasinha deixará de nascer, as suas necessidades vegetativas são menores, a tempestade ao roçar-lhe com a aza talvez lhe perdõe: não nos desanimamos com o tomar sob os nossos hombros esta empresa porque está no interesse de todos promover o gosto e amor ás letras, tornando-se maior quanto for possível, a circulação do jornal, diffundindo-se o habito da leitura, e assim tirando do lethargo em que jazem certas classes da sociedade, que, não podendo aspirar a altos estudos, ainda entregão-se à leitura do jornal, em que achão vezes claramente explanados conhecimentos que só poderão muitas encontrar nos grandes bacamartes encyclopedicos, diante dos quaes tremeria a vontade mais resoluta.

De todos os periodicos destinados á litteratura que se tem dado á luz nesta capital resta o « Japy » jornal bem escripto e conceituado, que está no segundo anno de sua existencia; facto notavel attenta a difficuldade e tropeços inevitaveis de taes empresas, e não obstante esses tropeços está vivo bem vivo para nos animar com os seus triumphos, não servir de pharol nos narceis.

E' mister teimar e muito teimar, por que se muitos e bons jornaes tem perecido aqui, se nós, e outros depois de nós não vegetarem ainda neste chão mal cultivado, algum dia nascerão arvores que se enraizem firmemente, que se fructifiquem á vontade, porque a sciencia é uma necessidade para todos e para tudo, e essa necessidade triumphará de todo qual quer obstaculo.

Todos quantos até aqui tem vindo nada mais hão feito senão deixar aos vindouros a terra adubada, e a posteridade seria injusta se increpasse a quem veio primeiro porque não fez tudo.

Nós, ainda que conscio da fraqueza das proprias forças, tomando a posição do jornalista, não temos em vista mais do que um fim puramente justo e louvavel, isto é, lançar uma pedra pequena no edificio tão vasto como é o da instrucção; pagaremos o tributo, segundo o nosso cabedal, e o publico que nos julgue.

Esforçar-nos-hemos para que a « Estrella Maranhense » contribuindo para a instrucção e o deleite mereça a attenção e toda protecção do publico sensato para a sua manutenção, e se chegarmos a desempenhar a maxima do grande vate Horacio que nos avizera que levará vantagem todo qualquer que souber misturar o util com o agradável, ficaremos satisfeitos.

Como escriptor publico guardaremos toda a imparcialidade, respeito e decencia nos nossos escriptos, assim como não consentiremos que se dê lugar nas columnas do nosso jornal a artigos que occorrem consigo discussões passionaes, quizesse ou não, complicações ou em prosa ou em verso que possam ser

fender á moralidade, ao bom senso e á razão, pois entendemos ser do rigoroso dever de quem escreve acatar ao publico, áquem se dirige.

Definida assim a nossa posição e a do nosso jornal esperamos que a Estrella Maranhense ostente mimosas flores e produza saborosos fructos, assim nos ajude a valiosa cooperação do respeitavel publico.

A ESPERANÇA.

—Na vida do homem um consolo existe para todas as afflicções e dores, por mais pungentes e penosas que sejam—e ai daquelle que não experimenta em suas feridas esse balsamo sagrado, que mitiga todas as torturas do espirito!

Que seria da humanidade senão fosse a Esperança! Sagrada inspiração que o Omnipotente, por effeito de sua infinita bondade, soprou no coração do homem para atravessar o marulhoso pelago da existencia!

Quando o homem desgraçado se vê combatido e esmagado por dolorosas angustias, ai delle se lhe não lampeja no horisonte uma luz doirando-lhe o futuro!

Nas tempestades da vida, quando a alma verga ao peso do infortunio, uma voz suave e consoladora lhe brada:

Espera!

O proscripto longe da patria, da esposa e dos filhos, curtindo amargos momentos de tristeza e de saudades ouve a voz do seu anjo protector dizer-lhe:

—Espera!

O escravo rojando ferros, auzente do seu ninho paterno, regando com seu sangue, o suor do rosto a patria dos seus oppressores, se por ventura ainda a alegria algumas vezes lhe vem enraizar o semblante, é porque escuta um grito solemne ecoar-lhe dentro do coração, e dizer-lhe:

—Espera! Espera em Deus.

De maneira que só da esperanças se alimenta o homem em todos os trances da vida.

Esperando o dia da manhã, vai caminhando para o tumulto, e até mesmo nos ultimos instantes da existencia ainda appella para a Eternidade, Eternidade! Oh! é a mais doce esperança que o exilado no globo pode conceber em sua mente, quando está atribulada por

le, cujo horisonte carregado de grossas e espessas nuvens, bradando de continuo as borrascas por cima da cabeça, vexado de desgraças, misérias e opprobrio, ah! tudo lhe é toleravel em vista da esperança da existencia d'além—tumulo.

Oh! parece que é a unica taboa de salvação que existe para o homem; sem ella seria bem para recear um horroroso naufragio.

Quando porem a desesperação se apossa da alma de um mortal por effeito de algum reves do destino, ai delle, porque a bondade de Deus prestes o abandona, um crime muitas vezes lhe vem manchar as mãos no homicidio, apoz este mais outro até que se despenha no abysmo, coberto de maldições e remorsos. E sendo á luz do universo a esperança, quem ousará menosprezar a quem não fará por congrassar-se com a luz para não cahir nas trevas?

Em todos desastros que aprouver a Deus em r-nos devemos apresentar o semblante sereno, o cora-

resignado, na esperança de que o Omnipotente possa transformar uma sorte adversa em um destino brilhante.

A. F. C.

A INGRATIDÃO.

A ingratidão é o maximo dos crimes, o monstro dos monstros, a base dos infernos.

Ainda não existia a luz, ainda não existia o homem, já carceres eternos erão povoados por espiritos ingratos aos beneficios do primeiro espirito, já a ingratidão tinha movido a guerra dos Céos.

Apparece o mundo, a luz e o homem, este collocado em primoroso paraizo goza inefláveis beneficios do seu creador, mas o monstro da ingratidão surge do abysmo, fascina o homem, e este e o Eden se perdem:

E com effeito, que mais poderemos dizer sobre a ingratidão que não tenha já dito tantos philosophos e sabios? Quando elles nos fallam de crimes, jámais se esquecem de constituir a ingratidão como primetro e especial ascendente da fatal e perversa descendencia?

Até ás proprias feras é odioso este criminoso monstro em chefe! Dizemos até ás feras que vivem nos embrenhados bosques, porque nos animaes domesticos temos a cada instante as mais relevantes provas do quanto aborrecem a ingratidão.

Um terrivel e bravissimo leão, em presença de Cezar e povo immenso, no cerco romano, corre a traz do escravo Androgino, condemnado, ás feras, por fugir a seu senhor, mas ao aproximar-se o leão reconhece o seu protector, suspende toda a sua furia, aplan a sua irriçada juba, abate-se, e beija as mãos e pés daquelle a quem havia devorar.

Pois esse é o leão, a quem Androgino, fugitivo no deserto, tirou o espinho de um pé, e o alliviou de suas dores; é o leão agradecido ao beneficio que a seu modo recompensa, é o leão que com os applausos de Cezar, e assombro de todo o povo, ligado por uma simples fita, passeia ao lado de Androgino, livres ambos pelas ruas da soberba Roma, é a fera agradecida, não é a hydra ingrata que o viandante vendo a semi-morta no gelo, agasalhou compassivo no seio, para, logo que tomou alento, lhe dar mortifera mordedura.

Que mais poderemos dizer da ingratidão, pois na nomenclatura dos mais torpes e odiosos delictos não existe epitheto, com que justamente se possa estigmatizal-a; crime contra a natureza, horroroso aos Céos e terra, delicto que mais infama moralmente fallando o ser humano.

Todos os crimes, disse um grande philosopho, podem ter suas desculpas e até mesmo o seu panegyrico, menos a ingratidão.

O Duélo.

O duélo é um combate singular entre dois individuos, em vingança de uma supposta offensa.

Os barbaros do norte o santificaram. Nos paizes mais civilizados as autoridades muitas vezes o permitiram.

Chegou a justiça a servir-se delle como prova juridica, chegou a superstição a consideral-o como authenticos e infallivel testemunho dos juizes de Deus.

Assim como a luz rompe as trevas a razão illumina os espiritos; hoje nenhuma superstição o favorece, nenhum tribunal o ordena, nenhuma autoridade o consente, e todas as leis tanto religiosas como civis altamente o reprovam como contrario á razão, á natureza e á religião.

Funda-se apparentemente na honra offendida! Mas que honra é essa que não acha conciliação com alguma lei nem divina nem humana? Affirmemos antes que o seu fundamento consiste em uma quimera, em um capricho, em uma estupidez e verdadeira loucura.

A honra consiste em não offender a pessoa alguma, em ser generoso no perdão da offensa, prudente no disfarce da mesma, circumspecto na escolha de uma justa vingança, sem tentar contra a vida propria, nem do semelhante.

Não consideramos honra a que dá origem ao duello, pois não se conforma com a legislação do povo algum conhecido, e que somente se procura na bocca de uma pistola, na ponta de uma espada, ou na incerteza de um funesto acaso.

Que prova pois o duello?

Um descaramento, uma vaidade, uma presumpção louca e temeraria.

Ninguém imagine que o duellista está no seu direito, como já ouvimos dizer. O senhor da vida é só DEUS.

Mas, perguntar-nos-ha que desforra pode ter um militar offendido se não proposer ou acceitar o duello? que conceito se fará d'elle?

Respondemos com franqueza o mesmo que dantes se fazia.

Se é covarde, imbecil ou se forte, honrado, e corajoso, merecerá o devido conceito destas diferentes qualidades.

Se todo o duellista é criminoso julgamos ainda o militar mais criminoso, porque jurou derramar o seu sangue pela patria, combatendo sob as bandeiras da lealdade; porque a nação o sustenta, por exemplo, ha quinze annos, para obter d'elle um sacrificio de um dia, de uma hora, e elle ingrato, traidor, e perjuro, talvez neste mesmo dia, nessa mesma hora, deserta para o fatal campo dos desatinos das paixões, e das vinganças, infiel aos seus votos a favor da patria.

Se um dos mais famosos generaes dos tempos modernos, Turenne, na idade de dez annos, desafiou um velho official, que affirmava que as proezas do Alexandre de Macedonia erão um bello romance, quando já coroado com os louros de muitas victorias tentou um cartel de desafio, Turenne não hesitou em desde logo o desprezar, mandando dizer ao seu antagonista estas immortaes palavras:

« Não sejas imprudente, nem temerario, nem usurpador do alheio, nossas vidas pertencem á Deus ao Rei e á patria »

A RASÃO PERDE O VIGOR !

Os raios meigos, suaves
O clarão da baça luz,
Não tem riquezas, que a tua
Belleza magica tem;
Se não és do ceto archaio,

Trajando dina estatura,
Do neve tua fronte pura
Da terra não é tambem.

Embora labios fingidos,
Cerrados ao teu aspecto,
Ninguém seres o objecto
De tanta fascinação !
Tens no olhar um fogo ardente,
Tens na voz doce alegria,
Tens divinal, que extasia,
Da formosura o condão !

Ao poder dos teus encantos,
Ao primor dos teus cabellos,
Ninguém ha, que, só de vel-os,
Não morra logo de amor,
E's tão bella, tão donosa,
Quando te roça um sorriso
Nos labios—que d'improviso
« A razão perde o vigor ! »

S. Luiz 29 de Agosto de 1859. R. V. M. R.

A VIRGEM DO MEU AMOR

C'est une déesse,
Do auctor

Eu amo a uma beldade
Qual deidade
Tem mais encantos que a'zôr
Do que mesmo a bella rosa
Que donosa
Exhala o seu puro odor.

São negros os seus cabellos,
E tão bellos,
Qu'a tudo faz encantar
São seus olhos matadores,
Pois d'amores
Me tem feito suspirar.

Seu lindo rosto moreno
E ameno
Tem incantos divinaes
Os seus labios purpurinos
E divinos
São dons formosos coraes.

E' sua boca mimosa
Graciosa
Ao mostrar seus alvos dentes
E' sua voz tão canora
E sonora,
Que causa paixões ardentes.

Ao ver seu corpo engraçado
Delicado,
Não pude deixar d'amar
Essa densa de belleza
E puresa,
A quem se deve adorar.

O SUICIDA.

OFFERECIDA AO MEU AMIGO AURELIO A. P. DE F. CAMARGO.

Ou vas-tu ? Je vais sans fin
Me débarrasser de la vie;
Comme ou fait d'un mauvais manant,
A. BARRAL.

Em quanto se vive, que reina ? illusão f...
Depois que se vive, que resta ? o olvido f...
Mas doce é, na morte, viver-se esquecido...

Mancebo, não vivas, se a vida te pesa,
Não queiras a vida, si a vida é de dores;
Não presta um só gozo, que a vida embelleza,
Se vem apoz elle—cruéis dissabores....

E's bravo, não soffras revezes da sorte,
Imita o Timbira no brio e valor;
Não tremas, dirige teus passos a morte,
Mil vezes a morte, que a vida de dor l...

Demais—qual o élo, que a vida te prende ?
Será uma esp'rança de amor de mulher ?
Em élos não creias, que o fado desprende;
Não creias no fructo, que custa a colher....

Os olhos da virgem não dizem o que sentem,
Da virgem os amores, qual flôr emmurcheem;
Não creias da virgem nos olhos, que mentem;
E nem nos amores, que cedo arrefecem....

Si a vida te prende de virgem sorriso,
E nesse sorriso tu lês uma—esp'rança,
Não creias na virgem, não creias no riso,
Não creias no mundo, que é todo mudança

Avante! não pares. caminha p'ra morte,
Da morte em presença jámais se entimida
Aquelle, que um riso não teve da sorte,
Aquelle, que apreço não faz desta vida....

E's bravo, não soffras revezes da sorte;
Imita o Timbira no brio e valor;
Não tremas, dirige teus passos a morte,
Mil vezes a morte que a vida de dor l....

Recife. 20 de Maio de 1856.

ALFARO JUNIOR.
(Do Romancista.)

Se eu fôra

Se eu fôra um vate gigante,
Se eu fôra o genio de Dante,
Se eu fôra Tasso, ou Camões,
Que cantos que não fizera,
Se eu fôra, qual Byron era,
Tecendo sérias canções!

Se eu fôra como Petrarca
Que em todos os cantos marca
Quanto tormentos soffreu!

Se eu fôra Milton cantara,
Se eu fôra Ovidio chorara,
Se eu fôra elle chorando escreveu!

Se eu fôra ao menos do prado
Violeto, ou lirio rozado,
Ou brando e pura cecém
Dera o aroma das flôres,
Dera uma c'roda d'amores
A quem não cuida ninguem!
Se fôra nuvem, se estrella,
Se eu fôra c'roda singella.
Fôra-lhe a fronte adornar!
Entre murmurios, gemendo,
Banhara-lhe os pés, tremendo,
Se eu fôra onda do mar!

Mais não tenho estro gigante,
Nem Tasso, Camões, nem Dante,
Nem Milton, nem Byron sou?
Nem posso ter os cantos
Aquelles sentidos prantos,
Que Ovidio tanto chorou!

Nem tenho ricos thesouros,
Nem me deu Petrarca os louros;
Nem sou lyrio, nem cecém!
Nem onda, nuvem, man nada,
Da dor no peito guardada,
Não digo nada a ninguem!

Eu soffro, qu'importa? embora;
Da mágoa que me devora
O segredo morrerá!
Da falsa, mentida esp'rança,
Nem me sorrio à lembrança,
Nem essa—me ficará!

F. GOMES DE AMORIM.
(Do Jardim Litterario)

CHARADAS.

Posto qu'inda joven, sou gigante,
No livro das nações assignalado;
As d'Europa nações inveja faço
Pelo aureo sollo de que fui dotado.—2

A primeira tiraí aquelle nome
D'uma estrella que matiza nosso estado,
E assim um terreno chamareis
Que com agricola mão é cultivado.—2

O meu todo pluralisa
Gentis entes graciosos,
E cada uma possui
Encantos maravilhosos.

Em graça e belleza primão,
Qual a mesma mãe dos amores;
Em dotes meigos e bellos
São as graças superiores.
Seus olhos possuem brilhos
Do dous brilhantes luzeiros,
E por excellencia se chamam
Os olhos mais feiticieiros.

Por uma figura podes
A primeira suprimir,—1
Mas sempre preposição
O meu todo hade exprimir.
O meu pranto, os meus queixumes,
Não podeis justificar-me
E's cruel—mas nunca o foi...—1
Não podes acreditar-me?!...—1

Comigo, distinctos homens
Si tem muito appellidado;—1
Entretanto sou bem simples
Do duas lettras formado.

E' nome puro, e singelo
Do meiga virgem engraçada,
E' nome, comque dós Anjos
Fos-te em teu berço embafada.

ADVERTENCIA.

Todo o qualquer artigo dirigido á redacção deste jornal, com o fim de ser publicado, deverá ser entregue na typographia onde presentemente se imprime o mesmo Jornal. Outr'um, os recibos das assignaturas serão assignados pelo proprietario do Jornal, o Sr. Francisco Antonio das Chagas Sol-posto.

Typ. do OBSERVADOR de F. M. da Almeida.



ESTRELLA MARANHENSE.

JORNAL INSTRUCTIVO, MORAL, E RECREATIVO.

ESTRELLA MARANHENSE publica-se uma vez por semana, e recebem-se assignaturas para ella na Typographia do OBSERVADOR, a 500 reis por serie de quatro numeros, pagos depois da entrega do segundo.

ESTRELLA MARANHENSE.

AO 7 DE SETEMBRO.

INDEPENDENCIA OU MORTE!

DIA 7 DE SETEMBRO
NO BRASIL TÃO FESTEJADO?
COM Prazer nós te saudamos,
DIA GRANDE E ARENÇOADO!

O naufrago que teve a felicidade de salvar-se sobre uma fragil taboa, quando viu no alto mar ir soçobrando o navio que o conduzia, poderá em algum tempo esquecê-la, embora se resolva á nunca mais embarcar? O menino que lá receber um castigo do mestre ou de seus pais, esquecerá por ventura a mão que, em lugar da sua, se entendeu, para soffrer as palmatoadas que havia merecido pelo seu crime? O escravo poderá olvidar o homem bemfeitor que lhe deu o dinheiro, para com elle comprar a liberdade, que a dura lei da escravidão havia sugereado? Não certamente; são cousas que jamais se esquece, são beneficios que nunca se põe em olvido, salvo quando o homem possui um coração ingrato; mas ainda assim, o mesmo remorso de consciencia, parece estar sempre attestando a grandezza do acto, ao passo que vai tambem repellindo outra ideia, que não seja compativel com elle.

Tal é a força da gratidão!...

Se entre os individuos se realisa o que acabámos de dizer, o que se deverá pensar de uma nação, principalmente sendo ella lançada d'homens que presão a honra, que sabem apreciar a gloria, a fama e a nomeada do Paiz que os viu nascer? Qual será o peito brasileiro que, lembrando-se do dia 7 de Setembro, não se sinta cheio de prazer, d'entusiasmo, de gratidão, sabendo o que se operou neste dia, quando D. Pedro I.º abriu a boca, para fazer ouvir esta palavra magica e sagrada—LIBERDADE! Esta palavra que soou como um echo em todos os arredores do Ipiranga, este grito estrondoso veio despertar, como por encanto, os brasileiros, da lethargia em que se achavam submersos. Foi esta palavra que formou, em um momento, peitos denodados, porque, amesquinçados os brasileiros pela cruel sevicia dos seus apressores, nem ao menos pareciam entes animados. Virão como automatós, só fazendo o que se lhes ordenava, e isto com tanta obediencia e humildade, como se fóra a voz do ceo que se fizesse ouvir. Este estado de indolencia teve fim porco, logo que se ouviu a palavra sagrada.

Mas para que vamos nós revolver as cinzas do passado, para

que revocar esse passado triste e afflietivo, quando temos um presente lisongeiro, e ainda mais um futuro, o qual promette ser tão brilhante, e quicá mais venturoso?

Ponhamos de parte esta pagina ensanguentada, e cuidemos daquillo que nos pôde fornecer alguns visos de ventura, que nos pode dar algum prazer.

Brasileiros! Despontou o 7 de Setembro! Sabeis o que significa o troar dos canhões, o toque dos sinos, as suaves symphonias que ouvis por toda esta cidade de S. Luiz? Dizei-me: Não sentis os vossos peitos repletos d'um gozo perenne? Não pulsão elles com força, como abalados por um poder desconhecido? Será o enthusiasmo, a gratidão, ou o patriotismo? E' tudo isso, nós o afflançamos.

Quando lançaes as vistas pelo nosso rico Brazil, e que divisais o seu immenso territorio, abundante em tudo, e que nos vossos corações estaes dizendo—que tudo isto é vosso, que tudo é dos brasileiros, necessariamente haveis de sentir um prazer ineffavel, lembrando-vos as riquezas de que sois possuidores.

E' natural que esta lembrança só vos desperte ideias grandiosas; e quantas e quantas vezes não direis comvosco: *O meu Paiz já pôde, ou brevemente hade ter lugar entre os mais florescentes do universo!* E quando assim pensais, não tendes um desejo immenso de exclaimar altamente: *Viva o meu Paiz, viva o Brazil!* Pois é isto que se chama enthusiasmo.

Já vedes por tanto que o dia 7 de Setembro deve trazer-vos enthusiasmo, como tambem a gratidão, recordando-vos que foi D. Pedro 1.º que, nesta dia, gritando—*independencia ou morte*, libertou o vosso Brazil dos pesados fardos da opressão.

Não vos considereas devedores de D. Pedro 1.º o magnanimo monarcha que, cedendo ás supplicas de alguns poucos brasileiros, tomou sobre si a responsabilidade d'uma revolução, que devia operar uma rapida metamorphose no Brazil? Sem duvida, vós sois agradecidos; se assim não fosses, nunca serieis brasileiros, porque a ingratidão não encontra albergue no coração d'um brasileiro.

Independencia ou morte! Haja liberdade no Brasil, ou morrido todos os brasileiros! Seja a colonia um IMPERIO, ou acabe-se para sempre a colonia!

Brasileiros, patriotas e amigos!

Já pesastes seriamente estas palavras, que fóron o fual da nossa emancipação? Já estudastel-as attentamente? Se o não, dizei-me: Porque não mostrais esse patriotismo dos nossos pais, esses heróes e ao mesmo tempo victima e immo-

Tadas nessa sagrada revolução, que nos trouxe o mais precioso bem, que hoje todos nós gozamos? Se nós exultamos com qualquer feliz successo na vida de um individuo, que apenas consideramos como nosso proximo, sem outro algum laço que o elle nos una, como não devemos exultar neste feliz e mil vezes abençoado dia, sabendo que o seu desponar foi para nós a porta aberta para a liberdade? Deve o dia 7 de Setembro ser recebido tão friamente pelos brasileiros, quando ao raiar da sua aurora uma parte delles já accordou respirando a liberdade? Quereis ser menos gratos ao creador do que os irracionais, que, á seu modo, parecem sempre estar dando graças ao Auctor do Universo? Envergonhai-vos, vós que sois dotados de razão e intelligencia! Vós que conheceis o manancial da vossa felicidade, pejai-vos de desprezar a fonte benéfica, donde saiu a vossa ventura!

Conscios dos vossos deveres, não desdenheis a occasião de cumprir-lhes, pois é a vossa obrigação!

Mas, perdonai, brasileiros! esta linguagem vós não mereceis, pois comprehendemos a alegria de que vos achais possuidos.

Sabemos que estais esperando a hora dos vossos! esquecemos que não é a revolução que se opera, e sim a commemoração della! Vivemos em paz, e temos marcada a hora para manifestarmos os nossos regostios! Sóe já esse momento, e estamos certos que todos vós entoareis hymnos patrióticos ao 7 de Setembro.

Brasileiros! unam'-o-nós todos, e trabalhemos conjuntamente para a prosperidade do nosso rico Paiz. Façamos reviver, se é possível, os tempos dos Andradas, dos Gusmões, já que possuímos os Dias, os Magalhães. Abramos as paginas da nossa historia, e vamos aprender a ser patriotas com esses martyres da nossa independencia.

Não olvidemos esses homens, que devem servir-nos de pharés nas nossas acções patrióticas. Não despresemos qualquer occasião opportuna, que se nos apresente, para mostrarmos que também somos brasileiros, e que não desmerecemos o nome que elles nos legarão.

O Brazil progride, é indubitavel, o que é devido ao zelo dos seus representantes. Verdade é que poderia ter progredido mais, porem seria exigir muito dos brasileiros. O Brazil é novo; entre as demais nações elle um menino inexperito, mas que promette um futuro esperançoso. Quem sabe se elle há de ser o primeiro dos Estados do mundo? Nós o desejamos, e o merece. Não fallamos assim, por sermos brasileiro; não, pois, seríamos taxado de suspeito. Estas palavras já ouvimos de bocas estrangeiras, e a razão é porque no Brazil ha todos os elementos para formar um grande e poderoso estado. As nações, como tudo neste mundo, tem tres épocas; uma do nascimento, outra da florescencia, e a terceira da decadencia.

O Brazil acha-se na sua primeira epocha; e quem sabe quando virá a sua segunda? Póde ella estar proxima, mas também póde ainda custar muito. Se não vivermos nesse tempo ditoso, viverão os nossos filhos e netos, e elles gozarão o prazer de ser testemunhas daquillo, que os seus pais e avós tanto desejaram ver.

Que o Brazil hade ser grande, nós o esperamos; que elle é a Independencia—nós o sabemos e sentimos. Assim pois, brasileiros! exultai neste dia de gloria para o vosso Paiz, e tão vasto! E mister que todos os patriotas se reúnam, para cantar entusiasticos vobis o hymno patriótico ao dia da

emancipação da Patria. Nós vos convidamos para este festim, brasileiros amigos! patricios queridos! Vinde, vinde, antes de entoardes o hymno, dar connosco estes vivas alegres!

VIVA O DIA 7 DE SETEMBRO!

VIVA D. PEDRO 1.º!

Agora cantai todos vós um hymno nascido do coração; cantai-o com enthusiasmo e patriotismo; ei-lo:

HYMNO.

I.

Dia 7 de Setembro
No Brasil tão festejado!
Com praser nós te saudamos,
Dia grande e abençoado!

Estribilho.

Brasileiros! Brasileiros!
Vivamos em união,
Que não venha um outro povo
Lançar-nos nova prisão.

II.

Magnanimo Dom Pedro
Que primeiro te chamaste,
Deos te dê a recompensa
Dos ferros que nos tiraste.

Brasileiros! etc.

III.

Respeitemos, Brasileiros!
A nossa constituição,
Qu' o Brasil tem conservado
Em santa paz e união.

Brasileiros! etc.

IV.

Ao bondoso monarcha
Que rege os nossos destinos,
Queira Deos livrá-lo sempre
Do ferro dos assassinos.

Brasileiros! etc.

V.

Deos permita, Brasileiros!
Que a familia imperial,
Viva sempre em santa paz
Entre nós até o final.

Brasileiros! etc.

VI.

Seja o Brasil poderoso
E' o que nós desejamos;
Que seja grande entre todos
E' o que ambicionamos.

Brasileiros! etc.

VII.

Viva todo o brasileiro
Que ama o seu Brasil,

Morra o ingrato e rebelde,
Morra o traidor, morra o vil.

Brasileiros ! etc.

VIII.

Morra aquelle que quizer
Lançar-nos outros grilhões;
Brasileiros ! não queiramos
Nos punhos outras prisões.

Brasileiros ! etc.

IX.

Viva o nosso Imperador !
Viva o povo brasileiro !
Viva a nossa constituição !
Viva o Brasil todo inteiro !

Brasileiros ! etc.

X.

Dia 7 de Setembro
No Brasil tão festejado !
Com prazer nós te saudamos,
Dia grande e abençoado !

Brasileiros ! etc.

C:

Maranhão 7 de Setembro de 1859.

Soneto.

Surge a clara aurora, e sorrindo
Com seus róseos dedos do Oriente
Os dourados porticos LIVREMENTE
Ao sólo americano vem abrindo.

De Phebo os cavallos vem sahindo
Trotando tranquilla e brandamente;
E já raios offuscantes e luzentes
O cimo das montanhas vem cobrindo.

Desperta do lethargo, BRASILEIROS !
Qu' é vindo o dia grato o d'excelencia,
O mais bello suave e mais fagueiro.

Diverta hoje é vossa existencia;
Os grilhões quebrastes e Guerreiros,
Alcançastes VALOR, INDEPENDENCIA.

S. Luiz 7 de Setembro
de 1859.

B. R. S.

Ao memoravel dia 7 de Setembro !

Salve ! O' meu Brasil,
Aurora d'esse dia,
Em que da tyrannia
Zombaste com valor;
Teu filho, então ludibrio,
Do povo lusitano,
Reina hoje soberano
Com paizno asombroso !

Salvo ! O' Liberdade,
Augusto monumento,
De gloria e lusimento
A' brasileira Nação !
Gemer não pode escravo
Quem sempre independente,
O doce Jugo sente
Da tua constituição.

Alça a fronte altiva,
Então, presenteiro,
O hymno lisongeiro,
Que os labios te seduz;
Não tremas ! no horisonte
Eis surge, qual diamante,
O astro fulgurante,
Qu'a Patria encha de luz !

O brado do Ipyranga
Correu do norte ao sul;
E logo a dura sorte
Abalos sentiu ter;
E' outra tua estrella,
Teu sólo auri-secundo
Offrece á todo mundo
« Independencia ou morrer ! »

R. V. M. R.

Os Crimes punidos um nelo outro.

Viajando juntamente tres campeões no caminho, acharam um thesouro, repartirão-no e continuaram sua jornada, conversando a respeito do uso que devião fazer de suas riquezas. Tendo-se então acabado os mantimentos, que haviam levado, concordaram que um d'elles fosse buscá-los na cidade, encarregando-se o mais moço d'essa commissão: partio. Caminhando, dizia elle consigo: « Eis-me aqui; porem mais o seria se estivesse só, quando appareceu o thesouro; esses dous homens roubarão as minhas riquezas, não será possível recuperá-las? E' facil; envenenarei os mantimentos que vou comprar; ao voltar, direi que jantei na cidade. Meus companheiros comerão sem perceber, e morrerão; assim do terço que possuo, possuirei todo. » Entretanto os outros dous, que já tinham disido: « Não fizemos bem em apanhar-nos com esse manrebo; fomos obrigados a partir o thesouro com elle; seu quinhão augmenta os nossos; e seríamos verdadeiramente ricos: elle virá, temos bons punhaes » O manrebo voltou com mantimentos envenenados; seus companheiros o assassinaram; comeram, morreram, e o thesouro permaneceu como dantes. (La Morale en action).

SAUDADE.

C.... o nosso adeos
No momento da separação,
Ainda existe gravado,
No fundo do meu coração.

Nem posso mais esquecer
Depois de firme te amar,

A paixão que por ti nutro,
Ha de comigo lindar.

Embora persiga-me o fado
Embora torture-me a morte,
Jurate por minha may
Ser-te constante até a morte.

Aceita terna lembrança
Que d'aqui te envio saudoso,
E ouve que longe de ti
Não posso ser ditoso.

UM ENCONTRO.

A chuvosa estação ia em começo,
Os ventos variavão dondejando,
Eu vivia gostoso sem pesares,
No futuro seismando, imaginando.

Vivendo em terra estranha, mas doente,
Procurando as mollioras anheladas,
Passeiava contente, sempre alegre
Pelas ruas tão pouco transitadas,

Aqui, alli entrando conversava
Em matérias diversas divertidas,
Com que as horas passavão docemente
Fazendo esquecer as rudes lidas,

Alguns teus amos correu desta maneira
Para mim, gostoso, tão fagueiro,
Sem que eu me lembrasse um só momento
Que o tempo passa breve, traço eiro.

Até que em uma noite, a doce vida
Que té alli vivêra, se nublou,
P'lo encontro que tive bem funesto.
Encontro que meu peito escravison.

Conheci uma joven pura e bella
De semblante formoso, olhar divino,
De esbelta figura, um anjo em fim,
De respeito, adoração este mui dino.

Como então eu fiquei, não sei dizer,
Só sim sei que perdi a liberdade,
E de então julguei certa a desventura
Alindando do meo mal a intensidade.

De que me tem servido o disfarçar
A paixão que me abraça, que me rala?
De que me tem servido a encobril-a?
O que tenho feito em suffocar-a?

No entanto depressu, se escoarão
Quasi dous annos! sem qu'a visse mais;
Crúa sorte do corte me prepara
Triste destino, dores, prantos, ais!

Não a vi mais! e nem esperança tenho
De vê-la; ao menos uma vez somente,
Desejava encará-la, ver seu rosto,
Fixá-la emfim com olhar ardente.

Mas ah! não posso! que se eu pudera
A custo ainda desta triste vida,
Eu a veria ainda uma vez
Eu ouviria essa voz querida.

Alcantara 13 de Setembro
de 1859.

C.

A UM AMIGO.

Observa, amigo, observa
O meu viver desgraçado,
Observa, amigo, observa
Como eu vivo despresado.

Hoje vivo despresado
Da virgem que tanto amava,
Essa ingrata que outr'ora
Amor firme me jurava.

Ob! mulher, tu és falsa,
Até mesmo no jurar,
Feliz será o manco
Que teus votos detestar.

Observa, amigo, observa,
Este meo triste viver,
Causado por essa ingrata
Que zomba do meu soffrer.

28 de Agosto de 1859.

A. Rodrigues.

QUADRAS.

Elisa, eu senti,
Terna saudade,
Em ver-te deitada
Por enfermidade.

Vendo-te enferma,—
Não tenho praser,
Não tenho alegria,
Aborreço o viver.

A Deos eu peço
Por piedade,—
Te ponha boa
Cara deidade—

Quando findar-se
Teo padecer
Findar-se-ha
O meo soffrer—

1.º de Setembro de 1859.

Augusto Rodrigues.

Decifração das charadas do n. antecedente.

A primeira é—Brazileiras—e a segunda—Thereza.

Advertencia.

Tendo exigido todas as pessoas que tem affluído para a assignatura da Estrella Maranhense o seu primeiro numero, e como se imprimissem poucos numeros tão somente para os assignantes, e não contarmos com tal concorrência, temos a declarar a todas as pessoas, que nos honrão com sua cooperação e que ainda não receberam o primeiro numero, que brevemente fazemos reimprimir o 1.º numero, para podermos satisfazer o desejo dos nossos assignantes.

Os R.R.

Typ. do Conservador do F. M. de Almeida.

ESTRELLA



MARANHENSE.

JORNAL INSTRUCTIVO, MORAL E RECREATIVO.

A ESTRELLA MARANHENSE publica-se uma vez por semana, e recebem-se assignaturas para ella na Typographia do OBSERVADOR, a 500 reis por serie de quatro numeros, pagos depois da entrega do segundo.

ESTRELLA MARANHENSE.

MARANHÃO 18 DE SETEMBRO DE 1859.

Associação Litteraria Maranhense.

—Com este titulo organisou-se nesta capital uma sociedade, cuja existencia data de 7 de Abril do presente anno, ella propõe-se a cultura da intelligencia, o que é sufficiente garantia do acolhimento e conceito publico, de que é digna, se os seus membros bem comprehenderem a sua missão, isto, não desanimarem na tentativa.

Esta sociedade tem até hoje marchado em regra, e acha-se sob a protecção do honrado e illustrado Sr. Dr. Antonio Joaquim Tavares, que é o seu presidente honorario; á nosso, ver a sociedade procedeo muito bem elegendo o Sr. Dr. Tavares para seu protector, porque as qualidades pessoas do Sr. Dr. Tavares aboão completamente a eleição que d'elle se fez.

Nos prestamos de hoje em diante a publicar as actas e discursos da Associação Litteraria, em compensação do auxilio, que essa sociedade presta á este jornal; porem desde já declaramos que procuraremos fazer essa publicação de maneira que não fiquem, por muito tempo adiadas, as materias que por sua natureza, exigirem prompta publicidade; e se assim fizermos tal declaração é para que os nossos honrados assignantes fiquem certos que não pretendemos occupar exclusivamente as columnas do nosso jornal com actas.

Evitaremos a uniformidade fastidiosa em tudo. A experiencia nos tem mostrado por mais de uma vez que as instituições da provincia desaparecem rapidamente, qual a flor que nasce viciante e depois é lançada por terra murcha pelos ardentes raios do sol, é uma verdade incontestavel; mas nem por isso deixaremos de aconselhar aos membros da Associação Litteraria Maranhense, por cujo progresso fazemos votos, que tractem por alcançar a gloria de ser a sua sociedade a primeira de todas quantas desse genero tem havido aqui, que mais prime em prosperidade, duração e harmonia, convém pois que todos os membros se unão com taes pensamentos, porque a propria provincia partilhará dessa gloria, que muito concorrerá para o seu credito.

Em tempo opportuno publicaremos algumas considerações que temos entre mãos, sobre as sociedades litterarias da provincia.

Felicidade—Virtude.

A brevidade e a fraqueza do entendimento o maior appetite que a natural potencia humana, os affectos desenfreados, a natureza mudavel e insufficiente para a sua felicidade,—impedem a felicidade plena.

[V. Cousin.]

Debalde se esmerão tantos pinceis delicados para pintal-a aos nossos olhos, ora sobre exteriores de uma sensibilidade fabulosa, ora com as feições de um heroismo excessivo; que o querel-a enfeitar, é desfigural-a; não só a devemos buscar, e não noutra parte.

Com suas lições e impulsos levanta-se o espirito, a alma torna divina, e a morte serve só de grada para a immortalidade.

[2.º Lem. Cant. 1.]

E' a felicidade uma aprazivel satisfação, um goso pleno da alma mais ou menos daquel e inherente á posse de um justo bem; e é este só o que impõe a mesma essa felicidade, que é geral quando lhe não deixa logar a poder ser affectada de um ou outro mal de igual, menor ou maior intensidade que a delle. Muitas vezes porem a par de uma pequena causa benefica, em roda de um goso, ainda que justo e de profunda importancia por sua natureza, com tudo um goso modesto fraco para por si só ostentar-se, achão-se mil males, que só permitem ao homem uma felicidade parcial a qual é mais ou menos limitada, e ordinariamente ingozavel, desaperechida, e dos reveses; mas ainda neste caso, que é o mais vulgar, sempre existe uma felicidade, uma e verdadeira a existencia de um justo goso, a posse de um verdadeiro bem; só ella deixa de existir quando a alma nada tem a gozar, nenhum direito lhe cabe á menor satisfação e repouso, na esperar; mas ella será falsa, felicidade negativa, si o bem apparente, illusorio, assente em base frouxa e pernicioso goso de um bem absoluto, um bem elementer ou primitivo original e formador de todos os bens relativos, um bem u e geral, referivel a todas as cousas para ser justamente o é, de todo o modo e em todo o tempo; esse excellente goso é uma felicidade perfeita; mas esta é impossivel na terra isto é, tal felicidade não é gosavel aqui por nenhum homem por nenhuma creatura gozante; porque aquelle bem immutavel, infinito, absoluto, perfeito, é só Deus, o principio e fim de tudo, o relativo de todas as cousas e de todas as acções, como o centro de uma esphera é o relativo unico igualdade para todos os pontos da sua superficie e o presente de todas as distancias dos raios que d'elle nascem;

não é gasarel na terra senão imperfeitamente pelo homem, por que sendo Elle o creador a causa de tudo, este como uma parte da sua criação, um átomo da obra universal, não comprehende em sua parte mais nobre senão uma parcella bem pequena da natureza divina, somente na proporção de quanto elle pode concorrer para a harmonia do Universo; e assim não lhe pode tambem caber senão uma parte de gozo da perfeição divina, tenue parcella da harmonia absoluta.

Esta harmonia, este bem infinito, esta perfeição é apenas na terra imaginavel, difficil e imperfeitamente comprehensivel para o espirito humano, que allás não se pode affastar della, nem desconhece-la, porque ella reflete em tudo como toda a essencia de uma causa reflecte-se em seus effeitos.

Esta harmonia ou o summo bem é de todo o homem desejada, ainda que ninguem a tenha experimentado na vida terrestre; pois que outra vida alem desta ha de certo, a vida dos espiritos, a da propria divindade que espiritualmente está em tudo, a qual o homem tambem pertencerá quando separado da materia que sustenta.)

Todo o homem mesmo descuidadamente quer, aspirar, esse bem infinito, a felicidade eterna; e com alguma attenção em mesmo elle pode saber que o quer, que deseja a felicidade celeste, quando a sua mesma natureza lhe está continuamente dizendo-o pela incessante geração dos desejos, nunca saciaveis; que não é a vida da terra logar de os satisfazer, mas somente a do ceo, a d'alem tum para onde nos dirigimos, como o infante recém-nascido, ao seio materno quando ainda o não conhece, nem ainda tem experimentado o sabor desse leite nutritivo que afana o feto, qual o viandante que machinalmente caminha para o destino, mas d'elle esquecido, só cuida em caminhar mais, e—chega.

Definir todas as felicidades, perfeitas e imperfeitas, estas são varias conforme a multiplicidade dos casos em que o homem se pode acuar, a variedade da sensibilidade humana que faz perceber diversamente as cousas e as formas, pela fraqueza da carne ou susceptibilidade do espirito, pelo sensualismo; e conforme ou a varia lucidez ou turbacão da alma, ou a maior ou menor aproximação do homem a Deus pelo seu moral; isto é, a felicidade humana é de diversos modos concebida, ou inteira e toda ou gosada: ou conforme aos gosos e prazeres do corpo, ou conforme aos do espirito, pelo bem ideal, pelo bem das cordenas.

A felicidade pelo uso do bem (se assim nos é permitido fallar) é conhecida de todos, e ninguem ha que em algum momento a não tenha gozado, ou quea desfructa menos sempre e infeliz, mas não o fora, si bem se attentasse; o que a goza ou que neste caso é considerado pelos outros, diz-se que é o invejado dos contemporaneos, porque ou tem pos, o maior tempo de saúde, ou vive na abastança, no uso do utilitarismo social, com alguma satisfação de seus desejos talvez caprichosos; eis o homem dito feliz, eis os bens que então a todos, a felicidade desejada de todos, porque tam estes bens a todos por seu turno podem caber conforme a variedade da fortuna, a inconstancia da sorte com cujos factos o pobre tornar-se rico, o humilde poderoso, o enfermo chegar ao seu normal estado de saúde.

Se será esta felicidade o premio, a consequencia da virtude, ou a esta não tocara felicidade alguma? Tais bens se, por ventura as flores escolhidas de que se tecerão manto de gloria para os geolos virtuosos? E' nestes bens que de-

verá o homem virtuoso achar o balsamo destinado para mitigar-lhe as dores, a que está sujeita a humanidade; o mel dulcificador que lhe deve tanto suavisar as maguas nascidas de causas externas, em sua sensibilidade humana como sanar as feridas recebidas internamente no combate da alma contra as proprias paixões, contra os vicios, progenie da fraqueza e imperfeições dos homens? Não: não é possível: estes bens são flores, mel e balsamo agradaveis, consoladores, necessarios para alivio de todos, deixado a todo o genero humano, em commum, ao justo, ao vicioso, até o ultimo dos criminosos; e Deus pareceria injusto si deixasse o homem virtuoso sem outras consolações superiores ás que dá ao homem de espirito ordinario e aos maos.

(Continúa.)

AMOR DE UMA MÃE.

E' o coração de uma mãe a fonte mais pura da ternura, é o deposito mais sagrado dessa chama, que diverte a mulher, e a faz credora da mais sublime veneração na escalla social. O mesmo Deus reconheceu esta sublimidade, quando para redimir a creatura lançou mão de uma mãe, em cujo coração depositou o sagrado penhor de sua alliança com a humanidade. Eis o amor definido...; mas que digo? as palavras são poucas para que possam d'alma narrar os sentimentos. E com effeito quem será capaz de explicar o estado do coração materno ao contemplar inda no berço o germen de sua união conjugal? em mil beijos, caricias e ternuras dissolve-se seu coração; ella toma-o nos seus braços, estreita-o contra seu peito; e então (ah! apothetose sublime) um peito a outro peito toca, os corações se beijao, se misturão e se confundem.... Aqui pede auxillio o pensamento humano, grita soccorro; mas em balde; as idéas perdem-se n'um vasto oceano de contemplações sublimes, é impossivel sua coordenação... apparece o mysterio: pertence a Deus o contemplar somente.

Oh! mulher regosija-te de ser o objecto da ideia do Creador na propagação da humanidade, no ir por diante dos longes do pensamento divino!! Ufana-te de ser a imitação da Virgem n'esse quadro immenso, que se descortina ao travez dos seculos na summidade do Golgotha!!

Mas a tanto não chega o teu pensamento, apenas poderás comprehender uns laivos de uma missão por sobre a terra. Oh! quanto é bello o retratar-se a natureza n'um coração, o n'um coração de mãe, n'esse ribeiro limpo d'onde emana a ternura no fluxo e refluxo do amor!!!

Quem, portanto, poderá descrever o estado do coração materno nos momentos de saudade, quando ao se-

para-se de um filho, a quem consagra tantos títulos de amor, vai representar-se a scena da despedida? Eis a occasião de solver o amarguroso calix do soffrimento! Cruel alternativa, um só momento de desprazer vai substituir tantos dias de alegria... de mil beijos cor-de-a frente de seu filho; um abraço, mais dez, mais cem... Seus olhos, viva expressão do coração, bem denunciam o amargor desse momento fatal, derramando copiosa torrente de lagrimas, doce medicina do padecimento moral. Durante a ausencia as horas são annos, os dias são seculos e o esperar é desesperar: seu coração pulla no peito, como que querendo lançar-se do seu leito natural, contando com vaivém de sua pulsação os instantes da separação: seu pensamento traçando a distancia que a separa do seu filho, vai atirar-se a longes terras, phantaseando um lugar, onde elle esteja... Chega finalmente o momento em que ella o recebe em seus braços... em sonho, o sonho, em que não acredita; duvida, e duvida sempre... Descrever esse momento é absolutamente impossivel.

Quem será finalmente capaz de descrever o estado do coração de uma mãe no cruel instante de perder um filho? Oh! aqui desafio a penna mais habil. Vinde homens de sciencias adornados, atirar vosso pensamento n'esse lamentavel quadro, encontrareis ali o vasto oceano, onde tem de vagar todas as vossas ideias até perderem-se nos escolhos da impossibilidade.

Oh! dor! Oh! desespero! Eil-a que se chega para o adorado filho, colloca sua mão por sobre seu peito; encontra-o frio... um grito de dor lhe escapa dos labios... lagrimas de sangue derramão-se pelo seus labios, e levão o feretro, que encerra sua mais doce porção... ausentou-se para sempre o objecto de sua adoração... anoiteceu em seus dias...

Que é do meu coração, pergunta ella, onde está elle? Um morno silencio...

Responde a consciencia na eternidade!!!

Senhora, sois mãe, e uma mãe, cujos sentimentos quiz aqui retratar, não pude, tive de lutar com a impossibilidade, esta venceu-me, mas a bondade de vosso coração é a verdadeira balança, onde deposito a justiça de minha desculpa.

(P. dos P.)

Associação Litteraria Maranhense.

Acta da sessão magna do dia 28 de julho de 1859.

Presidência do Sr. Miranda.

As 6 horas da tarde feita a chamada, acharam-se presentes os Srs. Miranda, Mendes, M... , ... , Silva Prado,

Lago, Perdigão, Queiroz, Benedicto Silva, Thalez, Enoch, e Britto, faltando sem participação os mais socios. O Sr. presidente declara aberta a sessão e tomando a palavra recitou um discurso analogo ao facto do Anniversario da adherencia da Provincia à Independencia do Imperio.

Depois recitarão discursos igualmente analogos ao Anniversario da adherencia da Provincia à Independencia, os Srs. Mendes, Queiroz, Benedicto e Britto, membros da commissão de oradores nomeado para esse fim.

Terminando-se a recitação de discursos o Sr. Presidente, depois de convidar aos Srs. socios presentes para comparecerem a sessão do dia seguinte, assim de eleger-se um Presidente honorario, declarou levantada a sessão, tendo antes entoadado com a sociedade os seguintes vivas.

A S. M. O Imperador.

A Nação Brasileira.

A Religião do Estado.

Ao Dia 28 de Julho.

A Associação Litteraria Maranhense.

Salla das sessões da Associação Litteraria Maranhense em 2 de Julho de 1859.

O suspiro.

Voaí brandos Ang... tentadores,
Altei voaí ligeiros,
Deusas da Ternura,
B...ificai minha saudade amar, / dura,
Levai aos meus amores
Juspiro do minhas do...

Dizei-lhe que provio dos pesares,
Que causa a oração
A brilhar a formosura,
Offertai-lhe em penhor da fé mais pura,
E dizei também as Flores
Qu'è porção do mais fiel dos amadores.

Fado, contra mim com seus rigores,
A outro offerece uma ventura
Que m'encanta o pensamento,
Que me abrande, que me adoça um soffrir
E Delcia, dos Ceos Amores
A ello envia os seus vor...

Que mal te fiz, que mal? / de não dura,
Negas doce attenção
Nas horas do meu prazer.
Que teus olhos languidos inlúia teu poder,
Ah! Delcia, mãe da Ternura
Da fim miria desventura.

Filha das Graças e do Amor, vem mitigar,
Cumo abraçador
Paixão terrível,
Não trais d'esse amor fallaz, o negro fel,
Vem meus dias afagar
Doces sons ouvir cantar.

16 de Setembro de 1859.

F. N... ..

Aos Olhos.

Se os olhos pretos são bellos
Se os castanhos bellos são
Se os pardos também são lindos
Os azus o que serão ?

Serão bellos serão lindos
Serão mesmo de encantar ?..
Em quatro cores diferentes
Feia alguma se ha-de achar.

Mas não (por certo) a dos olhos
Que tem do Impyrio a cor
Esses olhos tão formosos
Só respirão puro amor.

Por isso se me perguntão
Qual das cores mais gostaes ?
« Todas quatro lhe respondo
« E outras se houvessem mais-

S. Luiz 13 de Setembro de 1859.

Soneto

Até que Marilhas, Anjo querido,
Heide trago o gosto dos dissabores ?
Se me quer aprender aos teus amôres,
Porque o amor ver-me parti?

Já não pode meu peito dolorido
Suavizar allivio achar á tanta dores;
Do coração as fibras m' amôres,
Por ti, por ti, mulher, hão de soffrido !

Tu'alma gentil, mimosa e pura
Dardejar podia, enternecida,
Sobre mim, um olhar com mais brandura;

Se a sorte cruel, sobre attrivida,
Curso não mudar; morro, perjura,
« Morte de amor, melhor que a vida ! »

R. V. M. R.

O VAGABUNDO.

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano
Fumando meu cigarro vaporoso,
Na noite de verão namoro estrelas,
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso.

Ando roto, sem bolsos, nem dinheiro,
Mas tenho na viola uma riqueza;
Canto á lua de noite serenatas
E quem vive do amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém; nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito soffocante,
Quando á noite, na treva, em mim se encontram
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus namoros,
Sou garboso e rapaz... uma criada
Abrasada do amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada.

Oito dias lá vão, que ando seismando
Na donzella que ali defronte mora,
Ella ao ver-me sorri tão docemente
Desconfio que a moça me namora !

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto, e durmo sem temores,
Quando bebo, sou rei como um poeta !
E o vinho faz sonhar com os amores !

O degrão das Igrejas é meu throno,
Minha patria é o vento que respi o,
Minha mãe é a lua macilenta
E a preguiça, a mulher por quem suspiro.

E crevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol, e durmo a lua !

Sinto-me um coração de Lazzaroni
Sou filho do calor, odeio o frio,
Não creio no diabo nem nos santos,
Reso a Nossa Senhora, e sou vadio !

Ora se por ahí alguma bella,
Bem dourada e amante da preguiça,
Quizer a nivea mão unir a minha,
Hade acharme na Sé domingo á missa,

M. A. A. de Azevedo.

CHARADAS.

No escuro sempre estou 1
Não posso no claro estar
De tres irmãs que nós somos 1
Estou em segundo lugar
Sou por natureza primeira
No fim me vim collocar 1
Sendo synonymo de pena 1
No mundo me hão de achar.

CONCEITO.

Dos que me tem cultivado
E que de mim se queixar,
Ou a semente era má
Ou não me souba regar.
Pois bem provas tenho dado
Aos que me vem procurar
E que conservão a constancia
Do quanto sei agradar.

F. F.

Seu pronome pessoal—1
Minha vida é infernal—4
Designo a paz, e abundancia.

Typ. do Observador de F. M. de Almeida.